

A delimitação do *ethos*, segundo Sumner

Dr. Luiz Eduardo Rodrigues Amaro

A questão da definição e delimitação do *ethos*, ou seja, o seu entendimento dentro do contexto do nosso trabalho, torna-se particularmente importante para evitar as ambiguidades, uma vez que o termo é apreciado por Charaudeau & Mangueneau (In: *Análise do Discurso*, p. 220) de uma forma, aplicada ao discurso e pela sociologia de outra, definida por Sumner em *Folkways: A Study of Mores, Manners, Customs and Morals* (2012), justamente o conceito com o qual trabalhamos.

A análise do sociólogo não existe em nossa língua, portanto, tivemos que traduzi-la, o que acrescentou essa voz inédita à nossa pesquisa. A obra supracitada é pedagógica, estruturada em verbetes claros para uma objetiva aplicabilidade. Por ser contemporânea às revistas que estudamos, que trabalharam a reconstrução do *ethos* com a toada camoniana, os ensinamentos do doutor Sumner aplicam-se sincronicamente à visão veiculada em nosso *corpus* e, dessa forma, colabora para que nossa interpretação se afaste da indesejada leitura anacrônica.

O conceito de *ethos* é percebido ao lado da história e da tradição, pois ele é relativo e o seu conteúdo é reorientado conforme o tempo e as condições sociais se modificam. Por isso mesmo, no fim do século XIX, houve esse processo em Portugal, que demonstraremos no decorrer do nosso estudo.

Sumner, ao explicar o modelo de origem dos costumes, orientado pela antropologia e pela etnografia dos homens e da sociedade primitiva, revela que ele se orienta para a sobrevivência nos seguintes termos:

[...] Men begin with acts, not with thoughts. Every moment brings necessities which must be satisfied at once. Need was the first experience, and it was followed at once by a blundering effort to satisfy it. It is generally taken for granted that men inherited some guiding instincts from their beast ancestry, and it may be true, although it has never been proved. If there were such inheritances, they controlled and aided the first efforts to satisfy needs. Analogy makes it easy to assume that the ways of beasts had produced channels of habit and predisposition along which dexterities and other psychophysical activities would run easily. Experiments with newborn animals show that in the absence of any experience of the relation of means to ends, efforts to satisfy needs are clumsy and blundering. The method is that of trial and failure, which produces repeated pain, loss, and disappointments. Nevertheless, it is a method of rude experiment and selection. The earliest efforts of men were of this kind. Need was the impelling force. (SUMNER, 2012)

O professor postula que “a habilidade para distinguir entre prazer e dor é a única força psíquica que deve ser presumida” (SUMNER, 2012). Assim, as pessoas selecionam os modos

de fazer de acordo com as dificuldades e objetivos, os que requerem menos esforço são escolhidos e, com o tempo, tornam-se hábitos. Tal aprendizado é um produto social:

The earliest efforts of men were of this kind. Need was the impelling force. Pleasure and pain, on the one side and the other, were the rude constraints which defined the line on which efforts must proceed. The ability to distinguish between pleasure and pain is the only psychical power which is to be assumed. Thus ways of doing things were selected, which were expedient. They answered the purpose better than other ways, or with less toil and pain. Along the course on which efforts were compelled to go, habit, routine, and skill were developed. The struggle to maintain existence was carried on, not individually, but in groups. Each profited by the other's experience; hence there was concurrence towards that which proved to be most expedient. All at last adopted the same way for the same purpose; hence the ways turned into custom and became mass phenomena. Instincts were developed in connection with them. In this way folkways arise. The Young learn them by tradition, imitation, and authority. The folkways, at a time, provide for all the needs fo life then and there. They are uniform, universal in the group, imperative, and invariable. As time goes on, the folkways become more and more arbitrary, primitive people always answer that it is because they and their ancestors always have done so. A sanction also arises from ghost fear. The ghosts of ancestors would be angry if the living should chane the ancient folkways. (SUMNER, 2012)

Façamos uma intervenção para citarmos o aclamado crítico Antonio José Saraiva, na obra *A Cultura em Portugal: Teoria e História* (1994): “Os mitos históricos são uma força de consciência fantasmagórica com que um povo define a sua posição e a sua vontade na história do mundo” (SARAIVA, 1994, p. 112). Encontraremos essa forma de pensar não somente nele, como na geração estudada nessa pesquisa acadêmica, no pensamento de Eduardo Lourenço, no Saudosismo Metafísico e em vários outros, que não cabe aqui citarmos.

Veremos com nitidez a questão da tradição manifestada no pensamento veiculado durante a comemoração do Tricentenário de Camões (*O Occidente – Revista Literária de Portugal e do Estrangeiro*) e nas páginas da *Águia*, sob a direção de Teixeira de Pascoaes. Para fecharmos a nossa delimitação, nós apresentamos duas características importantes do *ethos*: ele é uma *força social* e é *constituído inconscientemente*.

Da primeira afirmação, pensemos no hábito e no interesse, a necessidade de algo para um grupo. Quando ele é importante para alguém, torna-se um hábito e, se esse algo for interessante para o grupo, esse hábito individual será repetido dentro dele e incorporado.

[...] It produces habit in the individual and custom in the group. It is, therefore, in the highest degree original and primitive. By habit and custom it exerts a strain on every individual within its range; therefore it rises to a societal force to which great classes of societal phenomena are due. Its earliest stages, its course, and laws may be studied; also its influence on individuals and their reactions on it. It is our presente purpose so to study it. We have to recognize it as one of the chief forces by which a society is made to be what it is. (SUMNER, 2012)

Da segunda, levamos em consideração que, das necessidades recorrentes, surgem os hábitos para o indivíduo e os costumes para o grupo, mas esses resultados são consequências, que não foram conscientes e nunca previstas.

[...] They are not noticed until they have long existed, and it is still longer before they are appreciated. Another long time must pass, and a higher stage of mental development must be reached, before they can be used as a basis from which to deduce rules for meeting, in the future, problems whose pressure can be foreseen. (SUMNER, 2012)

Dessa forma, entendemos que os homens desenvolvem inconscientemente, por meio da experiência, o que o estudioso chamou de adaptação máxima a um interesse, que é transmitido pela tradição. O *ethos*, os costumes, as leis e a moral são produtos da interação social humana.

[...] From this it results that all the life of human beings, in all ages and stages of culture, is primarily controlled by a vast mass of folkways handed down from the earliest existence of the race, having the nature of the ways of other animals, only the topmost layer of which are subject to change and control, and have been somewhat modified by human philosophy, ethics, and religion, or by other acts of intelligent reflection. We are told of savages that "It is difficult to exhaust the customs and small ceremonial usages of a savage people. Custom regulates the whole of a man's actions, - his bathing, washing, cutting his hair, eating, drinking, and fasting. From his cradle to his grave he is the slave of ancient usage. In his life there is nothing free, nothing original, nothing spontaneous, no progress towards a higher and better life, and no attempt to improve his condition, mentally, morally, or spiritually". All men act in this way with only a little wider margin of voluntary variation. (SUMNER, 2012)

REFERÊNCIAS

AMARO, L.E.R. *A recepção de Camões na Sociedade Portuguesa: O Occidente: Revista Illustrada de Portugal e do Estrangeiro (1878-1915) e A Águia: Órgão da Renascença Portuguesa (1910-1932)*. Assis, 2018. 358 f. 37

MAINGUENEAU, D. *Ethos, cenografia, incorporação*. In: AMOSSY, R. (Org.) *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. São Paulo: Contexto, 2005.

SUMNER, William Graham. *Folkways: A Study of Mores, Manners, Customs and Morals*. Alexandria: Library of Alexandria, 2012. [Kindle Version]. ASIN: B006L877S8